

Mundo ás avessas

(F I M)

Dias depois, em demanda dos tropicos, seguiam os fuzileiros. Flagg, intrigado, contou aos companheiros o que se passara aquella noite no café.

— Mas você tem a certeza de que Quirt não estava por lá?

Era o que todos lhe perguntavam.

— Tenho, com os diabos! Pois eu o dei-xei em Coney Island e não mais o vi...

— o o o —

Havia, ali, um café. Divertiam-se, nelle, todos os viajantes que por ali passavam. A sua dona era uma boa velhota que tinha uma filha mais ardente e mais linda do que todos os pores de sol das praias tropicaes, reunidos...

Chamava-se Elenita. Começa o romance. Uma tarde, tarde quente e cheia de ardor, Elenita encontrou-se com Flagg. Foram até á praia. O sol descia. Rubro tudo estava ao redor. E, deitados na areia, contemplando, ao longe, toda aquella riqueza da natureza, Flagg se deixou ficar com a cabeça reclinada ao collo de Elenita. Depois avançou-a. Trouxe-a para bem perto de seus labios. Ella tomou sua cabeça entre as mãos. Agarrou seus cabellos com furia.

— Mi querido...

Depois semi-cerrou os olhos e atirou o corpo para traz. Deixou-se ficar deitada sobre a areia. Beijada pela brisa morna que soprava. Flagg inclinou-se sobre ella. Ia beijal-a. Ella se ergueu e perguntou-lhe, tirando do regaço um bilhetinho.

— Sabes... Recebi isto hoje de um americano fardado justamente como tu... Podes traduzir?

Flagg abriu aquillo já meio desconfiado...

Ergueu-se.

— Hell!!!

Elenita tambem se ergueu.

— O que ha, querido?

Flagg agarrou-a com brutalidade.

— E tu já falasta com elle?

Elenita abaixou a cabeça

— Sim... Hontem elle me viu, á noite.

Depois, quando a lua subiu... Encontrei-me com elle. Fomos passear pela praia. Elle me agarrou. Beijou-me. Beijou-me. Beijou-me! E beija tão bem... Mas tu te zangas por isso?...

Flagg quasi que a atira longe. E sahiu, atirando o bilhetezinho ao sólo.

Elenita apanhou-o. Leu, sorrindo maliciosa e brejeira...

— Sweetie. Yours is the heart of Quirt...

Mas Flagg não a podia esquecer. Passou noites em claro. Tornou a encontral-a. Achou-a meiga e carinhosa. Beijou-a. Ella tinha o mesmo ardor e o mesmo fogo nos labios.

— Mas que diabo...

E por mais que reflectisse elle não atinava.

— Quando é que ella se encontra com Quirt?

Elle sabia que o rival ali estava. Sabia que estava sempre agindo. Mas aonde? De que geito? Esse Quirt...

E passou, insensivelmente, a mão sobre a escassez de cabellos que já o atacava...

Uma noite resolveu fazer plantão á porta da casa de Elenita. Quando veio a manhã, sorrindo satisfeito, deixou a casa e, monologando, desceu para a praia.

— E' Quirt desistiu, com certeza

Ao longe aproximava-se um bote. Nelle vinham, abraçados, uma mulher e um homem.

Flagg os viu. Eram Quirt e Elenita...

Flagg sentou-se na areia da praia. Apanhou um graveto. Insensivelmente escreveu "Quirt". Ergueu-se enfurecido. Atirou um ponta-pé á areia. Correu em direcção ao barco. Parou. Resolveu outra coisa. Voltou.

Um dia chegaram os revolucionarios e deram trabalho aos fuzileiros. Flagg e Quirt, embora offendendo-se com as mais "leves" palavras, foram á casa de Elenita. Lá, nos braços de um "caballero", encontraram-na sorridente e feliz.

— Sabem?... Aqui está meu futuro esposo! Esteve preso dois annos por crime. Agora está livre e vae se prender a mim pelo resto de sua vida...

Abraçou-o. Beijou-o com ardor e fogo. Flagg e Quirt estavam boquiabertos.

— Aquelles são os dois bons rapazes de que te falei, e que me divertiram muito com as suas brigas...

O noivo olhou e sorriu. Um riso de dentes todos e mais perigoso do que um rosnar de panthéra...

Elles sahiram.

— Is zat so?...

Foram. Connors, chegou-se a ambos. Contou-lhes, feliz, que sua pequena lhe escrevera e que seu casamento estava certo. Elles o olham. Quirt, ha dias atacado da febre, cãe de cama. Não pode ir.

Os outros partem. Ha o combate. Voltam. Havia um morto, alguns feridos. Agonizante estava um delles. O mesmo Connors que feliz e satisfeito partira para a frente...

Partem de novo para New York. A bordo, Flagg chama Quirt.

Agarra-o.

— Olha...

Mostra-lhe um retrato de loira.

— Esta é...

— Daisy, não é?

Flagg assusta-se e encara-o, surpreso.

— Tu a conheces?

— Por que?

— Ella é minha pequena! E se tu avançares nella... Eu...

Quirt procurou o lado mais livre para correr. Depois voltou-se para Flagg.

— Escuta aqui, Flagg. Ella não tem uma pintinha preta um pouco abaixo do joelho direito?

Flagg pensou. Quirt sahiu correndo. Depois Flagg lembrou-se e doído de colera, atirou-se em perseguição a Quirt...

Vamos deixal-os. Lá se vão elles. Flagg só se poderá considerar só e feliz quando se casar com a viuva do sargento Quirt...

(De Octavio Mendes especial para CINEARTE).

Uma semana em Hollywood

(F I M)

dentro daquellas suas malicias diabolicas, o damninho, vae pondo innumerous humorismos e, cada qual, mais engraçado...

Já que falei em "Love Parade" é justo que fale um pouco de Maurice Chevalier. Com sua voz ou sua pantomima, elle é, sempre, o mestre das finuras e das nuanças. Elle tem uma personalidade enormemente sympathica e estabelece, com o publico, uma intimidade que nenhum outro actor consegue. O seu sorriso parece intimo como um aperto de mão amigo e bom. Lafayette era uma divida que tinhamos com a França. Mas Chevalier é outra, maior ainda... Chevalier, aqui estamos!

Critiquei, ha dias, a attitude de Catherine Dale Owen que, durante as scenas mais romanticas de "Rogue's Song", enquanto Lawrence Tibbett cantava-lhe as mais amorosas estrophes, somente virava os olhos, numa attitude quasi extactica. Pois bem. Ha dias encontrei-me com Adela Rogers St. Johns e Ma-

ry Nolan. Começamos a conversar. A conversa cahiu neste ponto.

— Mas, filho, que devia ella fazer sinão girar os olhos e piscal-os? Por acaso aquellas luzes não a cegavam, quasi?...

Disse-me Adela.

E Mary Nolan, que ouvia, virou-se rapidamente.

— Que luzes, que nada! Eu bem sei o que soffrem essas coitadas com esses herões romanticos a cantar! Elles cospem a gente toda!

— Já que se fala em Lawrence Tibbett...

E' que algum disse que elle tinha, na voz o ardor das areias do deserto. Mas que se era Valentino na voz, era quasi Bull Motana na cara...

Pois bem. Para tudo ha remedio. O seu proximo film, dizem, vae ser "A Rosa da Algeria". Porque não interpreta elle, então, um daquelles cavalheiros romanticos mas de rosto sempre vendado pelo tuareg?...

Mas... Caras feias... Aqui temos um artigo. Will Rogers. Jack Oackie. São bonitos? São, por acaso, Novarros ou Gilberts? Não, não é? As historias terminavam, anti-gamente, assim.

— E ella, a linda creatura, partiu nos braços do homem bonito...

Hoje, as cousas mudaram... Agora as historias terminam assim.

— E ella, a linda creatura, achava o vilão mais bonito. Mas foi nos braços da melhor voz.

Ha annos, quando eu estive em Veneza, achava-me num café, ao lado de outros amigos. Um soldado da guerra, ainda fardado, aproximou-se. Invalido, coitado. Cégo. Para ganhar o seu sustento, esmolava. E, tirando seu capacete, cantou, com voz de ouro, uma romança sentimental. Não foi muito que lhe deram. Mas, de repente, do meio da multidão sahiu uma mulher. Apanhou a capa do soldado. Com ella fez a collecta. E, depois, cantou uma canção, tambem para auxiliar o pobre militar.

O publico a applaudiu freneticamente. Approximei-me. Era Marie Dressler...

A isto é que eu chamo brilhar!

Fazendo uma scena com George Bancroft, Billy Butts, de 11 annos, arrumou-lhe um murro no nariz e este, por sua vez, provou ser mais sensível do que o calcanhar de Achilles... George quasi vae a knock-out e teve que suspender a filmagem, desse dia...

— Já não me chamam mais de Billy. E sim de Mr. Butts...

Disse-me elle, sorrindo. Esqueceu-se, é logico, de dizer do que o tinha chamado George Bancroft após o murro...

— Hello, Gene Tunney! O telephone o chama... Deve ser Billy Butts...

Cinema de Amadores

(F I M)

habituaados. Méde 2 1/2 pollegadas de espesura por 3 de largura e 4 de altura. Tem portanto a mesma fórmula que o motocamera. Afóra isso, possui um visor directo, tal como a Pathé, o mesmo contador em metros, e o mesmo mostrador em que se póde notar, a qualquer momento, quantos metros de film ainda se acham inexistos.

Tambem como na Pathé, o film é despachado em magazines de metal, de modo que o acto de carregar a camara se reduz a abrir a camara, collocar o magazine em posição, e fechar a camara.

A elegancia exterior da pequenina camara, sua qualidade, evidentemente superior, e o trabalho obtido, recommendal-a-ão a todos quantos desejam uma camara cinematographica pequena, mas pratica, boa e efficiente.